

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

ADRIANA DA SILVA SANTOS

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE SÃO JOSÉ
DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

PICOS-PI

2014

ADRIANA DA SILVA SANTOS

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE SÃO JOSÉ
DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

PICOS-PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237v Santos, Adriana da Silva.
A variação lexical na fala dos jovens e dos idosos de São José do Piauí: uma análise comparativa / Adriana da Silva Santos. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (53 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em Letras/Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Luiz Egito de Souza Barros

1. Variação Linguística. 2. Léxico. 3. Faixa Etária. 4. Cultura. I. Título.

CDD 410

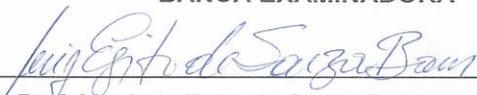
ADRIANA DA SILVA SANTOS

A VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE SÃO JOSÉ
DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

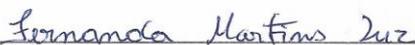
Aprovada em: 11 / 08 / 2014

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Federal do Piauí, como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciada em Letras.

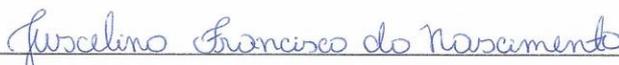
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros – Orientador
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Profª.Ma. Fernanda Martins Luz
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Dedico este trabalho aos meus pais, por me fornecerem a cada dia uma nova fonte de conhecimento, por me incentivarem a sonhar com dias melhores e, principalmente, por me ensinarem a nunca desistir, sem antes reconhecer o real valor da perseverança e da sabedoria nas ações humanas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por seu imenso amor incondicional. É nele que encontro a fortaleza que me impulsiona sempre a prosseguir!

A minha família, por sempre me guiar pelos melhores caminhos e por muito contribuir para o meu crescimento pessoal e profissional.

A Luiz Egito, meu orientador, pela imensa dedicação e responsabilidade demonstrada a todo momento. É inegável a sua competência e a sua nobreza de caráter. Mestre digno de toda admiração e respeito.

Aos docentes do curso de Letras da UFPI, que muito contribuíram para minha formação docente. Cada incentivo e cada conhecimento partilhado muito me ajudou a trilhar os caminhos simples e os caminhos árduos que me foram surgindo.

Ao meu namorado, fiel companheiro de todos os momentos, pelo imenso apoio, compreensão e amor ofertado a cada olhar, sorriso e gesto.

Aos meus amigos que me apoiaram fielmente durante toda a minha jornada acadêmica.

Enfim, a todos que colaboraram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

“A grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode caminhar sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies...” (Bagno, 2007)

RESUMO

O presente estudo acerca da variação lexical na fala dos jovens e dos idosos da cidade de São José do Piauí-PI objetiva de forma geral analisar a fala dos jovens e idosos, enfocando as diferenças lexicais existentes entre os dois grupos etários. De forma específica, pretende-se investigar as marcas lexicais presentes na fala dos jovens e dos idosos de São José do Piauí-PI; estabelecer uma comparação entre o léxico ativo dos jovens e o dos idosos de São José do Piauí-PI, verificando onde há possibilidade de mudança em progresso e demonstrar que a idade interfere nos usos do léxico de uma dada comunidade de fala, considerando que este registra e guarda dados da cultura presentes na comunidade. O desenvolvimento deste trabalho é uma forma de ampliar o conhecimento referente ao léxico utilizado pelos jovens e pelos idosos da cidade de São José do Piauí-PI, uma vez que até agora não foram realizadas pesquisas que se dedicassem a analisar os usos lexicais desses dois grupos etários. Para realização deste estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica, nas áreas de Sociolinguística e Lexicologia, em obras de autores como Alkmin (2001), Basílio (2007), Calvet (2002), Faraco (2005), Monteiro (2000), Preti (2000), Tarallo (2003) e Vilela (1994). Foi feita, também, uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionário a 20 sujeitos, distribuídos entre 10 jovens e 10 idosos. Tal questionário se compõe de itens lexicais referentes aos campos temáticos, a saber: corpo humano, vestuário/acessórios e produtos de beleza, convívio e comportamentos sociais. Os resultados obtidos na pesquisa indicam que existe uma marcante variação lexical entre o falar dos jovens e dos idosos e que esta variação está associada à variável idade e aos meios de cultura a que cada grupo etário tem acesso. Temos, assim, na fala de cada grupo etário, marcas lexicais específicas que fazem referências a diferentes universos simbólicos e diferentes momentos históricos.

Palavras-chave: Variação Linguística. Léxico. Faixa etária. Cultura.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 01: Distribuição dos sujeitos selecionados para a pesquisa.....33

TABELAS

Tabela 1: Frequência das variantes referentes à parte posterior da perna35

Tabela 2: Frequência das variantes referentes ao órgão da amamentação36

Tabela 3: Frequência das variantes referentes à parte inferior ao ombro37

Tabela 4: Frequência das variantes referentes aos “lábios”37

Tabela 5: Frequência das variantes referentes ao “nariz”37

Tabela 6: Frequência das variantes referentes à parte posterior do pescoço37

Tabela 7: Frequência das variantes referentes à parte saliente na frente do pescoço.....38

Tabela 8: Frequência das variantes referentes ao acessório feminino “ tiara”39

Tabela 9: Frequência das variantes referentes à peça íntima feminina protetora dos seios.....39

Tabela 10: Frequência das variantes referentes ao acessório “colar”40

Tabela 11: Frequência das variantes referentes à peça feminina “calcinha”40

Tabela 12: Frequência das variantes referentes às designações para perfume.....	41
Tabela 13: Frequência das variantes referentes ao produto de maquiagem “blush”	41
Tabela 14: Frequência das variantes referentes à pessoa tímida	42
Tabela 15: Frequência das variantes referentes à mulher separada do marido.....	43
Tabela 16: Frequência das variantes referentes à pessoa que come muito.....	43
Tabela 17: Frequência das variantes referentes à pessoa que comeu em excesso	44
Tabela 18: Frequência das variantes referentes à pessoa que bebe bebida alcoólica em excesso	45
Tabela 19: Frequência das variantes referentes ao estado de surpresa	45

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário aplicado para jovens e idosos de São José do Piauí-PI.....	52
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOCIOLINGUÍSTICA: O PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	15
2.1 Relação entre linguagem e sociedade	15
2.2 Apresentando a variação linguística.....	19
2.3 Contemplando a variação no léxico	21
3 COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO	25
3.1 O léxico dos jovens e dos idosos	25
3.2 Identidade social por meio dos usos lexicais.....	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
5.1 Diferenças lexicais detectadas entre os jovens e os idosos de São José do Piauí-PI	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES	51

1 INTRODUÇÃO

Em meio aos vários enfoques adotados em relação à compreensão da linguagem humana se destaca a importância do desenvolvimento de estudos que atendam à diversidade linguística presente no meio social. Dessa forma, o presente trabalho, centrado no campo da Sociolinguística Variacionista e da Lexicologia, apresenta uma análise comparativa acerca da variação lexical que ocorre entre a fala dos jovens e a dos idosos na zona urbana da cidade de São José do Piauí-PI.

A escolha de tal temática é uma forma de explorar o espaço linguístico-social, em que jovens e idosos se relacionam por meio da língua. Neste sentido, é válido adotar a concepção de língua como resultado da heterogeneidade, e não da homogeneidade social, bem como é preciso partir do princípio de que a variação linguística é um fato inerente à língua, possível de ser descrita e investigada seguindo os métodos de natureza científica.

A teoria Sociolinguística Variacionista e a Lexicologia, adotadas como base dessa pesquisa, têm conduzido os estudos linguísticos a novas dimensões na investigação sobre a língua e suas variações em uma dada comunidade de fala. O que implica dizer que a variação linguística se efetiva plenamente como uma característica essencial a ser analisada nos estudos linguísticos.

Assim, reconhecer à heterogeneidade como base de estudo e verificar a ocorrência da variação lexical é uma forma de expandir o conhecimento referente ao comportamento dos falantes em relação ao uso da Língua Portuguesa. Nessa dimensão, a realização deste estudo contribui para a identificação da diversidade lexical presente na fala dos jovens e dos idosos de São José do Piauí, já que até agora não foram realizadas pesquisas acerca da variação lexical nesta cidade.

Os grupos etários, jovens e idosos, definidos como sujeitos da pesquisa apresentam diferenças perceptíveis nos usos do léxico, o que faz com que a fala deles se destaque como um fenômeno que deve ser analisado, registrado e divulgado na comunidade acadêmica. Desta forma, a exploração dos usos lexicais proferidos por esses grupos pode possibilitar o registro de formas linguísticas tendentes a desaparecer, no caso de alguns itens lexicais presentes na fala dos idosos, e a detecção de formas mais inovadoras, eruditas e científicas no falar dos

jovens, já que estes têm mais acesso à cultura letrada (escolas, jornais, cinema, eventos científicos).

A seleção lexical verificada entre diferentes faixas etárias possibilita a identificação da relação existente entre traços linguísticos mais conservadores, mais arcaicos com os traços linguísticos mais inovadores, mais eruditos. Os falantes (jovens/idosos) são caracterizados na comunicação por meio do uso de itens lexicais que assim se caracterizam.

Certamente, estudiosos atentos à comunicação linguística, tais como Preti (2000), Monteiro (2002), Tarallo (2003), e até mesmo as pessoas leigas, valorizam o desenvolvimento de estudos voltados para a análise e descrição da linguagem humana e, porque não dizer, em função da influência da variável social idade e dos meios de cultura sobre o comportamento linguístico dos falantes de uma língua.

A análise e divulgação dos itens lexicais provenientes da fala de jovens e de idosos é um dos caminhos a serem seguidos para adentrar profundamente a realidade linguística, reconhecendo, assim, que a fala é um fenômeno natural, que se revela como objeto fundamental a ser compreendido pela espécie humana. Dessa forma, é válida a tentativa de contribuir para a identificação das diferenças linguísticas presentes na sociedade, sobretudo no que se refere ao léxico utilizado pelos falantes.

Sendo assim, este trabalho resulta de uma pesquisa que foi desenvolvida buscando responder à seguinte pergunta: quais as principais diferenças lexicais existentes entre a fala dos jovens e a dos idosos da cidade de São José do Piauí? Tal questionamento gera a busca de um maior conhecimento sobre a seleção lexical, conforme a idade e acesso à cultura letrada dos usuários da língua, em São José do Piauí.

Este estudo caminha em direção ao seguinte ponto de vista, que pode ser confirmado ou refutado de acordo com a análise a ser realizada: Os itens lexicais mais eruditos e, às vezes, inovadores, são mais frequentes na fala dos jovens, uma vez que estes vêm tendo mais amplo acesso à escola e a outros meios de cultura letrada, enquanto que os menos eruditos e mais conservadores, mais arcaicos, são mais presentes na fala dos idosos, já que estes não tiveram o mesmo acesso aos mesmos meios de cultura letrada e utilizam formas linguísticas adquiridas em sua infância e juventude. Em outras palavras, pode-se elucidar que jovens e idosos pertencem e representam, por meio da fala, universos simbólicos diferentes.

Para situar o trabalho realizado, estabeleceu-se como objetivo geral analisar a fala dos jovens e idosos, enfocando as diferenças lexicais existentes entre os dois grupos etários. No que se refere aos objetivos específicos definiu-se os seguintes: a) investigar as marcas lexicais presentes na fala dos jovens e dos idosos de São José do Piauí-PI; b) estabelecer uma comparação entre o léxico ativo dos jovens e o dos idosos de São José do Piauí-PI, verificando onde há possibilidade de mudança em progresso; c) demonstrar que a idade interfere nos usos do léxico de uma dada comunidade de fala, considerando que este registra e guarda dados da cultura presentes na comunidade.

Para melhor organização, dividiu-se o trabalho em cinco capítulos. No primeiro capítulo, faz-se uma abordagem sobre a teoria sociolinguística, destacando a íntima relação estabelecida entre linguagem e sociedade, procurando mostrar que o fenômeno da variação é intrínseco à língua. Neste percurso teórico, procuramos centrar nossa atenção na variação lexical.

No segundo capítulo, discute-se o comportamento linguístico adotado pelos jovens e pelos idosos, tendo por base os usos lexicais dos dois grupos nas situações de comunicação. Enfoca-se, ainda, o fato da produção de fala funcionar como marca de identificação social.

No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia, descrevendo o universo da pesquisa, os sujeitos selecionados para o estudo e os passos seguidos na realização da pesquisa.

No quarto capítulo, apresentam-se os resultados obtidos na análise dos dados. Para isso, discutem-se os dados coletados a fim de confirmar ou refutar a hipótese proposta na parte inicial deste trabalho.

Nas considerações finais, estão presentes, de forma sintetizada, os resultados alcançados nesta pesquisa, as possíveis contribuições deste estudo e são sugeridos o desenvolvimento de outras pesquisas que possam colaborar ainda mais para a compreensão do emprego do léxico pelos falantes pesquisados.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: O PRINCÍPIO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A sociolinguística define-se como um ramo da linguística destinada a estudar o repertório linguístico utilizado pelos falantes dentro de uma comunidade de fala, correlacionando as suas formas com a estrutura social, com o espaço geográfico e com as situações de interação. Seguindo essa linha de pensamento, Willian Bright (1966), pioneiro da sociolinguística, propôs três dimensões relacionadas à diversidade linguística: a do emissor, que define a variação diatópica e a diastrática; a do receptor e a do contexto, que definem a variação diafásica, os estilos de fala.

Direcionando-se para uma abordagem que abarca aspectos linguísticos e extralinguísticos, a teoria sociolinguística ampliou de forma significativa o campo de estudo sobre a linguagem humana. Nesse sentido, pode-se destacar como principal fundamento da sociolinguística a percepção de que toda e qualquer língua de comunicação está essencialmente constituída por uma grande diversidade linguística. Esse pressuposto é arduamente defendido pela sociolinguística, ciência que formulou um marco teórico relacionando diretamente a língua ao espaço social em que está sendo utilizada.

2.1 Relação entre linguagem e sociedade

Quando se estuda a linguagem humana à luz da sociolinguística, definem-se novas concepções sobre o posicionamento humano perante o uso da língua no meio social. Tais concepções abarcam a percepção de que é preciso levar em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais na descrição das línguas. É viável afirmar que as variações linguísticas não ocorrem de forma acidental, há uma relação de dependência entre os fatores sociais e a produção verbal.

Segundo os preceitos sociolinguísticos estabelecidos por Labov (1972), a realidade de toda e qualquer língua está centrada na estrutura social. Dessa forma, a tríade indivíduo/língua/sociedade se agrega baseando-se na ideia de que a língua é posta em uso pelo falante dentro de um contexto social que influencia os padrões de comportamento linguístico a serem adotados pelos indivíduos.

O contexto em que a linguagem é produzida assume um papel determinante para o estudo do fenômeno linguístico. A realidade de uma língua deve estar

associada diretamente à vida social, o que significa que não há como descrever uma língua tendo como base somente elementos de ordem linguística, já que cada falante está inserido em um espaço social. Considerar aspectos externos no estudo da língua é um ponto decisivo para descrição real dos empregos linguísticos presentes em uma dada comunidade de fala.

A relação entre linguagem e sociedade deve ser assumida como algo natural, próprio de qualquer sistema linguístico. Tem-se repetido frequentemente que a língua deve ser concebida como um fenômeno que constrói a sociedade e é, ao mesmo tempo, um produto social. Seguindo essa perspectiva, fica evidente o fato de que língua e sociedade não podem existir separadamente.

Na realidade não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte (MONTEIRO, 2000, p.13).

Não se pode negar, portanto, que os seres humanos fazem parte de uma organização social ligada diretamente à comunicação linguística. Sendo assim, a língua torna-se a principal base estrutural das relações humanas, reflexo da cultura e da história de um povo. Nesse sentido Calvet (2002, p.12) afirma que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

A língua está interligada aos seres humanos, o que implica dizer que quando o ser humano se modifica, a língua também passa por transformações, visto que é indissociável dos seres humanos. As palavras de Martelotta (2011, p.27-28) comprovam bem tal posicionamento.

As línguas não têm finalidade em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover a comunicação entre eles. Ora, os homens evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo em que vivem que conseqüentemente, acaba mudando com eles. É natural, portanto, que o homem modifique sua forma de falar sobre esse mundo e isso acaba motivando as mudanças estruturais que as línguas sofrem com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas se adaptam aos novos tempos (MARTELOTTA, 2011, p.27-28).

Reconhecer que a língua acompanha o desenvolvimento humano no meio social é reconhecer também que a sociolinguística vem justamente revelar e

sistematizar a correlação que existe entre a estrutura linguística e o contexto social. Segundo as explicações dessa ciência, as diversidades presentes na língua ou são motivadas por fatores internos ao sistema linguístico ou são por fatores externos. Pensando dessa forma, não podemos falar em variação livre, conceito firmado na ideia de que, já que não há condicionamento interno, o falante tem liberdade de escolha entre duas ou mais variantes, ou seja, o uso de uma ou de outra forma depende da vontade do falante, sem qualquer relação com a estrutura social ou linguística.

Para Monteiro (2000), quebra-se a ideia equivocada de variação livre e assume-se que a variação está vinculada a condicionamentos externos (características sociais do falante e ao contexto em que ele está inserido), bem como a variação pode estar também vinculada ao contexto linguístico (estrutura interna da língua).

Em razão do forte posicionamento assumido por Monteiro (2000), pode-se reafirmar que a comunicação humana não ocorre de forma aleatória, não é um ato inconsequente, desvinculado dos fatores de ordem linguística ou de ordem extralinguística. Com base nas palavras de Monteiro (2000, p. 64), “[...] se não é o contexto linguístico que determina sempre o emprego de uma das formas, parece que sempre se interpõem fatores externos ou socioeconômicos para decidir qual delas deve ocorrer numa dada situação de fala [...]”. Desse modo, a variação presente na fala passa também a ser vinculada a fatores sociais (idade, sexo, profissão, posição social, grau de escolaridade, religião, raça, origem e situação comunicativa).

Como é verdadeiro que a língua é resultado das modificações sociais, também é verdadeiro que ela se constitui pelo princípio da heterogeneidade. Segundo Mollica (2004 p.9), “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas [...]”. Diante desse ponto de vista teórico, torna-se evidente que a diversidade linguística é uma marca efetiva de todas as línguas.

De modo geral, pode-se afirmar que não há nenhuma língua que siga um único padrão linguístico de comunicação. Tanto no nível lexical, como no semântico, no sintático, no morfológico, no discursivo e no fonético há diferentes formas de proferir informações e estabelecer contatos sociais. A uniformidade não caracteriza o sistema linguístico, o que implica dizer que em toda comunidade de fala há

diversidade correlacionada às características sociais, à origem geográfica e à situação real de comunicação.

Conforme Camacho (2001, p. 57), “[...] todo linguista indiscriminadamente concorda com o princípio de que nenhuma língua natural é um sistema em si homogêneo e invariável”. Em todos os níveis de análise, depara-se com o fenômeno da variação [...]. É bem visível que, na comunicação, um ou mais falantes nunca se expressa de uma única forma, a variedade faz parte da produção verbal, faz parte da natureza humana.

Repelir a ideia de língua como sistema homogêneo dá abertura para uma nova visão sobre o sistema linguístico. Essa nova visão elege a heterogeneidade como requisito básico e assume que a língua não pode ser vista de forma monolítica, sem alterações significativas na sua composição. Não existe um comportamento linguístico uniforme, existem variedades, existe diversidade na língua.

Quando se recusa a abordagem homogênea de língua e se assume a ideia da diversidade linguística, torna-se importante esclarecer que a heterogeneidade, aspecto nítido na língua, pode ser sistematizada, pode ser vista de forma estruturada. Em outras palavras, pode-se afirmar, com base em Tarallo (2003), que não existe um “caos linguístico” dentro de uma comunidade de fala, o que é existe são variações linguísticas que podem e devem ser analisadas e sistematizadas pelos estudiosos da língua.

Tarallo (2003, p. 6) traz a seguinte observação sobre a heterogeneidade da língua falada.

[...] A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudesse ser sistematizados, como então justificar que tal diversidade linguística entre membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Não procede, portanto, a ideia de uma desordem linguística presente dentro da comunidade de fala. A comunicação humana, caracterizada por meio da variação e da mudança linguística, pode ser analisada e explicada de modo a se obter dados importantes sobre a constante ocorrência de variações no espaço social e sobre as mudanças que ocorrem na língua.

2.2 Apresentando a Variação linguística

A riqueza das línguas humanas está intimamente ligada às múltiplas variações presentes na estrutura social. Na comunicação humana, nota-se uma diversidade de itens lexicais para designar o mesmo objeto, o uso de pronúncias diferentes na produção de um mesmo som, uma diversidade de estruturas sintáticas referentes à mesma coisa e o fato de palavras adquirirem significados diferentes em comunidades distintas ou com o decorrer do tempo. Dessa forma, não há como unificar a língua, seguir um único padrão linguístico e determiná-lo como invariável.

Alkmim (2001, p.33) assegura plenamente o caráter variável das línguas, ao afirmar que

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades [...]. Língua e variação são inseparáveis: a sociolinguística encara a diversidade não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico [...].

A variação não pode ser descartada, vista sob um prisma negativo, como algo deslocado, inapropriado de ser reconhecido e estudado cientificamente. Nessa perspectiva, a sociolinguística defende o fato de a variação ser um aspecto imanente a qualquer língua de comunicação.

Para a sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico [...] (ALKMIM, 2001, p. 42).

Cabe reafirmar, então, que a variabilidade linguística se constitui como parte essencial a ser considerada em uma língua. Com base nessa ideia, é perceptível que em toda comunidade de fala há diferentes modos de proferir a mesma coisa sem comprometer o sentido da comunicação. Seguindo esse ponto de vista, Tarallo (2003, p. 8) expõe que “[...] ‘variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

A fim de exemplificar a ocorrência de variantes na língua falada, podem ser destacados os seguintes pares de itens lexicais que caracterizam a fala dos jovens (primeiro item) e dos idosos (segundo item): “cueca” versus “ceroula”, “lábios” versus “beijos”, “chinelo” versus “apracata”, e assim por diante. Muitos exemplos podem ser citados com o propósito de ilustrar as diversas variações existentes na língua falada.

De fato, a língua caracteriza-se como um sistema aberto, posto à disposição dos falantes, os quais fazem uso, nas várias instâncias sociais, da multiplicidade de formas linguísticas condizentes com o espaço social, a situação e o tempo histórico em que estão inseridos. A língua fornece aos falantes diferentes maneiras de se expressar, de estabelecer contatos sociais. É válido reafirmar, seguindo essa concepção, que a sociolinguística assume a variação como fundamento imprescindível a qualquer língua.

Contra a posição homogeneizadora insurgiu-se a sociolinguística, tentando provar a premissa oposta, ou seja, a de que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema que necessitaria ser explicitado [...] (MONTEIRO, 2000, p. 57).

É oportuno ainda assinalar que as várias maneiras pelas quais a fala pode ser manifestada podem ser classificadas, com base em Preti (2000), em eixos, a saber: variação diatópica ou geográfica (relacionada aos diferentes falares regionais); variação diastrática ou sociocultural (compreende as variações advindas das características sociais do falante); e a variação diafásica ou estilística (ligada à influência do contexto comunicativo sobre a produção de fala).

Outro tipo de variação a ser destacada é a diacrônica, detectada quando se quer comparar a fala de gerações diferentes. A esse tipo de variação será dada uma atenção especial pelo fato de ela compor o foco de análise do nosso objeto em estudo. A variação diacrônica, com base em Preti (2000), está relacionada à existência de formas linguísticas pertencentes a diferentes fases de evolução, em dado momento da língua.

No tocante à variação diacrônica, a idade do falante destaca-se como fator determinante para a detecção de diferenças de comportamento linguístico entre grupos etários, como por exemplo, o uso de itens lexicais como “sutiã”, forma inovadora, versus “corpete”, forma arcaica. No plano diacrônico há dois tipos de técnicas usuais a serem consideradas: mudança em tempo real e mudança em

tempo aparente. A primeira diz respeito ao acompanhamento da evolução das manifestações linguísticas em épocas distintas, esse tipo de técnica tem como principal suporte de estudo o uso de documentos escritos; já a segunda se refere ao estudo comparativo de variantes linguísticas que convivem socialmente em uma mesma época e espaço, sendo usadas por gerações diferentes.

[...] A percepção das mudanças não se dá apenas pelo contraste entre manifestações linguísticas afastadas entre si no tempo (o que chamamos de mudança em tempo real). É também possível detectar fenômenos de mudança concentrando nossa atenção no tempo presente (o que chamamos de mudança em tempo aparente) (FARACO, 2005, p. 21).

É relevante destacar que o método da mudança em tempo aparente possibilita detectar se está havendo uma variação estável ou se está havendo uma mudança em progresso na fala dos indivíduos de diferentes gerações. Quando não há indício, na comunidade de fala, da substituição de uma forma linguística, nota-se a ocorrência somente da variação estável; porém, quando está havendo, na comunidade de fala, uma frequência maior no uso de uma variante em detrimento de outra(s), evidencia-se a ocorrência da mudança em progresso.

Conforme Martelotta (2011, p. 46), “[...] as formas variantes podem coexistir por séculos ou encontrar-se num estágio de mutação. No último caso, uma das formas tende a desaparecer, dando lugar a mais nova [...].” Nesse contexto, a sociolinguística se propõe justamente a pesquisar a situação de estabilidade ou mutualidade das variações linguísticas, uma vez que se torna necessário conhecer a forma como a língua está sendo posta em uso dentro de uma comunidade de fala.

Em meio ao estudo da variação, torna-se importante contemplar a diversidade presente no léxico, visto que, na comunicação humana, é possível observar o fato de duas ou mais palavras fazerem referência a um mesmo objeto. Seguindo esse posicionamento, é correto afirmar que o léxico engloba uma grande variedade de itens lexicais que expressam sentidos semelhantes na comunicação.

2.3 Contemplando a variação no léxico

O léxico se constitui do conjunto de palavras de uma determinada língua e é por meio dessas palavras que o homem supre suas necessidades comunicativas e ativa novos conhecimentos necessários à sua eficaz desenvoltura nas mais diversas

esferas sociais. Por meio do uso de diferentes palavras existentes na língua, o ser humano nomeia instituições, objetos, sentimentos e todo o tipo de atividade humana. Dessa forma, as palavras atuam como veículo imprescindível para a realização da comunicação entre os diferentes falantes.

Na variação lexical, os indivíduos fazem uso de formas linguísticas alternantes que designam valores funcionais que tendem a propor o mesmo dizer, porém, por meio do uso de palavras diferentes. Dessa forma, a diversificação das palavras na utilização da língua não altera o sentido referencial, uma vez que o mesmo valor de verdade é mantido na fala pelos indivíduos. A palavra "nuca", proferida, principalmente, pelos jovens, e a palavra "cangote", proferida, especificamente, pelos idosos, são exemplos claros da variação lexical referente à parte posterior do pescoço.

Quando se estuda a relação de sentido estabelecido entre as palavras, tendo como base a proximidade dos significados, torna-se relevante reconhecer que estamos tratando de itens considerados sinônimos. A relação de proximidade referencial entre as palavras faz com que os falantes, de acordo com o contexto, façam uso de formas linguísticas alternantes. Na medida em que um falante seleciona determinados itens lexicais em meio à variação, ele não está somente tentando se comunicar, mas está, também, tentando se adequar ao espaço social de seu tempo, aos valores sociais que, de alguma forma, influenciam na maneira de se comportar linguisticamente.

Segundo Basílio (2007, p. 7), "as palavras, ou itens lexicais, são os elementos básicos que utilizamos para formar enunciados". Assim, em toda comunidade de fala, os usuários da língua fazem uso de uma infinidade de palavras para manifestar seus pensamentos e estabelecer relações comunicativas. As palavras são essenciais para a concretização da fala e da escrita.

Tendo em vista a importância das palavras na língua, torna-se necessário assinalar que, com o decorrer do tempo, a variação presente em dado momento da língua conduz o léxico para um processo de renovação, caracterizado pela mudança linguística, que se dá por meio da substituição de formas. Desse modo, existem palavras que ganham novos significados, bem como pode ocorrer a substituição definitiva de itens conservadores por itens mais inovadores.

Outro ponto importante a ser exposto é a relação firmada entre os aspectos lexicais e aspectos culturais. Faraco (2005, p. 42) assegura que "[...] o léxico é um

dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre léxico e cultura.” Nesse sentido, é válido afirmar que o repertório lexical utilizado por determinado grupo social está diretamente ligado às suas experiências, aos valores e às crenças firmadas coletivamente na sociedade vigente.

No processo de comunicação, a seleção lexical se faz mediante a influência cultural e ideológica. A língua absorve,, de forma muito forte as ideias estabelecidas em dada comunidade de fala. Dessa forma, cada falante constrói seu discurso de modo a reproduzir uma ordem social, centralizada na determinação do modo de pensar e agir socialmente.

As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos (FIORIN, 2007, p. 33).

A ideologia e a cultura assumem uma importância marcante na forma como os indivíduos elaboram o seu discurso. É perceptível que um jovem bem instruído não tende, normalmente, a fazer uso de um arcaísmo. Para este jovem, não é favorável usar um item linguístico que não o valorize e que nem mesmo corresponde ao seu perfil. Isso mostra o quanto o uso da língua contribui para a construção da identidade sociocultural do falante, bem como para a delimitação do seu espaço social. Conforme Camacho (2001, p. 67), “[...] algumas formas de expressão podem estigmatizar socialmente seus falantes, enquanto outras podem valorizá-los socialmente [...]”. Dessa forma, os usos linguísticos devem ser vistos como resultado da forma como os indivíduos se organizam na estrutura social.

O ser humano faz uso de itens linguísticos condizentes com o patrimônio cultural que lhe foi transmitido. Em cada época e espaço, prevalecem os vocábulos que fazem parte da concepção de mundo predominante no momento. O surgimento e desaparecimento de vocábulos não acontecem de forma inexplicável, mas por meio da influência das circunstâncias sociais que cercam os indivíduos.

A língua é fruto da cultura, reflexo das vivências humanas. Seguindo essa perspectiva, Carvalho (2001, p. 101) expõe que “a língua, não tendo função em si, existe para expressar a cultura e possibilitar que a informação circule [...]”. A língua e, conseqüentemente, o léxico, transmite a realidade social, aquilo que o povo acredita e defende como padrão ideal para a convivência humana.

Todas as realizações linguísticas estão plenamente de acordo com a realidade cultural que cercam os usuários da língua. Não é relevante pensar que as palavras surgem do nada, uma vez que as marcas culturais estão bem presentes na seleção lexical. A escolha vocabular é tão influenciada pela cultura que numa conversa de poucos minutos torna-se possível para o interlocutor identificar a que grupo social o falante pertence.

Sobre o plano lexical da língua, recaem as mais diversas alterações ocorrentes na sociedade. Desse modo, as palavras absorvem diferentes aspectos culturais e históricos que acabam por influenciar na forma como o falante manifesta a sua visão de mundo.

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo [...] (VILELA, 1994, p. 6).

Portanto, é evidente que o léxico guarda as informações provenientes do espaço social. Dessa forma, a diversidade linguística e a forma como o ser humano organiza a sua fala a fim de produzir comunicação estão diretamente ligadas ao contexto extralinguístico. As diferentes práticas sociais, nos mais variados tempos e espaços, desempenham um importante papel para a formação e modificação do léxico.

3 COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO

Cada grupo social assume um comportamento distinto no que diz respeito aos usos linguísticos. Não há como determinar um único padrão de língua a ser adotado por todos os falantes, visto que os seres humanos agem e pensam de forma diferente, ou seja, cada falante faz uso da língua de acordo com a realidade social em que está inserido.

É perceptível que, no meio social, não prevalecem somente os aspectos comuns entre as pessoas, mas também a sua diversidade, a maneira diferente de encarar o mundo e de, conseqüentemente, determinar os princípios sociais a serem seguidos. De acordo com essa visão, é possível afirmar que há muito que se analisar no comportamento linguístico de diferentes gerações, já que cada grupo etário assume uma postura distinta e marcante em relação aos usos linguísticos.

3.1 O léxico dos jovens e dos idosos

Por meio da observação do comportamento linguístico de diferentes faixas etárias, é possível perceber que a fala de cada geração reflete o seu momento histórico, reflete o universo simbólico que cada grupo etário assume como referência de vida. Cada grupo de falantes faz uso de itens lexicais e expressões condizentes com um determinado período da língua e com os meios de cultura a que tem acesso. Desse modo, é correto afirmar que existem diferenças entre as formas linguísticas proferidas pelos idosos e as utilizadas pelos jovens.

Os falantes idosos tendem a fazer uso de itens lexicais populares, arcaicos, formas linguísticas que tiveram uso pleno em épocas passadas; já os jovens, em sua maior parte, apresentam um comportamento linguístico centrado no uso de formas inovadoras e eruditas, uma vez que estão em maior contato com a cultura letrada. Seguindo essa linha de pensamento, Monteiro (2000, p.131) apresenta a seguinte afirmação:

[...] Uma pessoa idosa não deixa de sentir que diversos fatos linguísticos que existiam em sua juventude desapareceram ou se transformaram. Inversamente, um jovem pode constatar que certos traços presentes em seu modo de falar são evitados pelos mais velhos. [...].

Assim sendo, cada grupo etário reconhece que seus hábitos linguísticos são diferentes dos das demais gerações. Não há como não perceber que os usos da língua se diversificam entre grupos humanos, como podem ser destacados os jovens e os idosos.

[...] É verdade que os avós e os netos conseguem se entender mutuamente. Mas os netos percebem que seus avós usam palavras engraçadas que ninguém da sua idade usa, pronunciam palavras de maneira diferente, usam construções sintáticas que não parecem muito habituais para a geração mais jovem. Os avós, por seu lado, acham que os netos falam tudo errado, que não dão importância à língua, acham que os jovens têm vocabulário muito pobre, que só querem usar gírias etc. essas atitudes são muito comuns em todas as sociedades, em todas as línguas, em todas as épocas (BAGNO, 2003, p.118).

Muitas expressões utilizadas pelas pessoas mais idosas são consideradas estranhas para a geração mais jovem. Nesse sentido, palavras como “murundu” e “ceroula”, presentes na fala de muitos idosos, são vistas pelos jovens como formas linguísticas fora do comum. Esse estranhamento em relação aos itens lexicais proferidos pela geração mais velha pode ser compreendido partindo-se do princípio de que com o decorrer do tempo, há léxias que caem em desuso na comunicação.

As unidades lexicais em desuso, na realidade, são usadas com menor frequência e por grupos mais restritos, ocupando um espaço progressivamente mais limitado, até que sejam substituídas definitivamente pelas formas inovadoras. Essa renovação no repertório linguístico é resultado do dinamismo pelo qual passam todas as línguas.

Segundo Bagno (2003, p. 118), “[...] enquanto houver gente falando uma língua, essa língua vai sofrer variação e, conseqüentemente, vai sofrer mudança [...]”. Assim, é relevante perceber que estudar a língua é, dentre outras coisas, constatar que transformações fazem parte do universo linguístico e que existem diferentes possibilidades pelas quais os seres humanos podem fazer uso para se comunicar.

É importante perceber também que o léxico de cada grupo etário é fruto de suas necessidades comunicativas, um idoso de 80 anos provavelmente não conhece um item lexical referente à internet, isso porque ele não teve e não precisou ter acesso a esse recurso tecnológico. No que diz respeito aos jovens, percebe-se que esse grupo social não conhece com propriedade termos arcaicos que caracterizam a vida dos idosos. Nessa perspectiva, o léxico de cada geração é

composto por unidades que representam estágios da língua e hábitos culturais diferentes.

Assim, pensar na língua de diferentes gerações é, em certa medida, pensar, também, no modo de vida assumido por cada grupo etário, isso porque a realidade social muito tem a dizer sobre o comportamento linguístico adotado pelos falantes. É oportuno notar que a formação cultural de muitos idosos não inclui hábitos da sociedade moderna, o idoso possui um ritmo de vida diferente da camada jovem, a maioria deles não participa frequentemente de eventos culturais, nem possui o mesmo nível de leitura e escolaridade previsto para os jovens.

Os jovens, em contrapartida, participam dos mais variados eventos sociais, praticam atividades diferentes das que eram praticadas por seus avós, os hábitos de diversão atuais são diferentes dos hábitos que eram executados há 60 anos, a vida do jovem está marcada pelo uso da tecnologia, por isso não é estranho que o grupo juvenil saiba designar as mais variadas partes presentes nos equipamentos modernos.

Certamente, a geração jovem, em relação aos idosos, faz mais uso de palavras consideradas mais atuais e eruditas na língua, a novidade linguística e o uso de palavras centradas na norma culta prevalecem nesse grupo. Conforme Rector (1994, p.27), “os jovens usam ‘a linguagem de hoje’. Trata-se da linguagem usada na sociedade atual, para a comunicação tanto falada como escrita [...]”. É relevante assinalar assim, que os jovens estão antenados e preparados para fazerem uso dos vocábulos que circulam diariamente nas mídias e nos mais variados espaços sociais.

Segundo Rector (1994, p. 103), “[...] o jovem consome a língua com a mesma rapidez com que consome produtos de um supermercado. Existe uma necessidade premente de expressar uma ideia, de criar novos termos, de insuflar nova vida ao léxico”. O jovem quer expandir os usos linguísticos, inserir na língua os mais variados itens lexicais, as mais variadas maneiras de produzir comunicação.

Enquanto as populações mais jovens atualizam a língua, adequando-a às novas realidades, refletindo e referindo o mundo atual, por meio do uso de itens lexicais considerados mais inovadores e, por vezes, eruditos. Os idosos, em sua maioria, não sentem necessidade de aprender formas linguísticas que não fazem parte da sua tradição histórica, do seu universo social marcado por formas mais

conservadoras. Para o idoso, assim como para todo usuário da língua, a sua fala é absolutamente adequada para manifestar sua cultura e sua história de vida.

Desta maneira, é válido afirmar que cada geração possui um ritmo de vida diferente e, conseqüentemente, um modo distinto de se expressar linguisticamente. Nesse sentido, vale ressaltar que a proposta de muitos estudiosos é justamente mostrar que a variação existe e que a estrutura social determina a sua ocorrência.

Cada variedade é resultado das peculiares das expressões históricas e socioculturais do grupo que a fala: como ele se constitui, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante (FARACO, 2005, p. 32).

Sem dúvida alguma, o contexto social demarca o comportamento do falante, o que gera o condicionamento externo. Não se pode, assim, falar em realizações linguísticas independentes, formuladas por acaso, sem conexão com a cultura e com os ideais sociais pregados nas diferentes etapas da história do desenvolvimento humano.

É determinante pontuar, no estudo do fenômeno linguístico, que as realizações linguísticas possuem um significado social que pode conter aspectos positivos ou negativos. Nesse sentido, é perceptível que tanto os jovens como os idosos possuem visões diferentes quanto à seleção lexical a ser posta em uso nas situações comunicativas.

Para os jovens, seus empregos linguísticos tais como palavras do universo da tecnologia, estrangeirismos e gírias em geral são valorizadas positivamente, enquanto que alguns itens lexicais ditos pelos idosos são considerados ultrapassados, não condizentes com a realidade social moderna. Já os idosos, valorizam positivamente os itens lexicais conservadores utilizados pela camada de idade mais avançada e apresentam certa resistência em relação à inovação linguística, por acreditarem que os jovens estão fazendo uso de itens lexicais estranhos e não coerentes com as necessidades comunicativas.

Em razão das diferenças no uso da língua, um jovem, geralmente, não se propõe a fazer uso das formas linguísticas utilizadas por seus avós, como também um idoso não se reconhece fazendo uso de itens linguísticos pertencentes ao grupo jovem. Assim, cada geração assume um comportamento distinto, o que não significa dizer que a comunicação esteja comprometida entre os dois grupos, uma vez que

cada grupo etário, apesar de se expressar prioritariamente por meio dos itens lexicais que constituem seu léxico ativo, conhece a maioria daqueles itens usados pelos demais grupos, ou seja, cada falante possui um léxico ativo (palavras utilizadas no cotidiano) e um léxico passivo (palavras que são reconhecidas pelo falante, mas que não são postas em uso). (DUARTE 2000, apud LARANJEIRA, 2013).

Com base nas informações expostas acima, torna-se importante assinalar que as diferenças existentes entre a fala dos dois grupos etários (jovens/idosos) não significa que o comportamento linguístico dos jovens, por fazerem uso de formas linguísticas eruditas e inovadoras, deva ser mais prestigiado do que o repertório linguístico utilizado pelos idosos. Afinal, “[...] em termos científicos nada há que possa fundamentar a superioridade ou inferioridade de uma forma de falar em relação a outras [...]” (MONTEIRO, 2000, p. 49). Os diferentes falares merecem ser valorizados e analisados cientificamente, visto que só assim haverá condições suficientes para ampliar o conhecimento referente aos usos da língua.

3.2 Identidade social por meio dos usos lexicais

Na produção do texto falado, considerado mais espontâneo, as pessoas deixam transparecer muito sobre sua identidade social. Quando se ouve determinados itens lexicais, bem como o uso de certas expressões, torna-se possível, para o ouvinte, identificar a que grupo social pertence o falante. Segundo Brandão (1991, p. 06), “ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto -, mas também filiá-lo a um determinado grupo”.

Essa identificação é possível pelo fato de a língua arquivar em sua constituição uma série de informações sociais. Sendo assim, podemos destacar que, por meio dos usos da língua, torna-se possível conhecer o modo de vida de povos que viveram há muito tempo, torna-se possível perceber as modificações sociais e identificar as semelhanças e as diferenças linguísticas entre os falantes. A língua é um veículo de comunicação, mas também é um veículo de identificação social.

A escolha lexical feita pelos sujeitos é um dos recursos que permite o conhecimento sobre vários aspectos da vida social. Por exemplo, cada uso lexical

proferido nas situações comunicativas dá abertura para a identificação do grau de escolaridade do falante, a idade, a profissão e o espaço social em que está inserido. Os diferentes usos linguísticos mostram, também, o grau de conhecimento pertencente a uma determinada comunidade e os princípios morais adotados pelos indivíduos desta comunidade.

Os usos lexicais não são neutros, desvinculados da realidade social. As pessoas, ao falarem, expressam o que são na sociedade, expressam a maneira como visualizam as relações humanas e o mundo de forma geral. Segundo Tarallo (2003, p. 14), “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. O falar representa um indicativo da forma como os sujeitos se organizam socialmente, da forma como os sujeitos desempenham diferentes papéis sociais. Nesse sentido, a língua não pode ser vista unicamente como meio de comunicação, visto que, ao falar, o ser humano revela, também, dados sobre seu perfil social.

Ao ouvir alguém falando, o receptor faz várias inferências sobre a vida da pessoa que fala e, posteriormente, apresenta julgamentos que tanto podem ser positivos como negativos. Mediante este comportamento, podemos afirmar que a fala está submetida a valores sociais, que determinam se uma forma linguística deve ser prestigiada ou estigmatizada. Por exemplo, os falantes que não pronunciam as palavras pertencentes ao arcabouço da norma culta, provavelmente serão considerados falantes de baixo nível social e sua fala é, geralmente, estigmatizada.

O estudo das palavras colabora para o conhecimento dos membros de um determinado grupo. Conforme Marcuschi (1975, p. 41), “[...] a maneira de falar de uma pessoa a situa dentro da estrutura social, define seu status e produz sua identidade social”. Portanto, as características sociais dos falantes são reveladas no momento em que eles fazem uso da língua. Não temos, assim, uma separação entre língua e indivíduo, visto que há uma associação definitiva entre ambos.

Ao mesmo tempo em que a língua serve como identificador social, ela também serve como mecanismo de classificação. Nesse sentido, os indivíduos são encaixados em determinados segmento sociais de acordo com suas particularidades de fala. Mesmo de forma inconsciente, os ouvintes estão, na maioria das vezes, tentando distribuir os falantes em grupos mais ou menos uniformes. Conseqüentemente, temos o grupo das crianças, o dos jovens, o dos idosos, o das

peças pertencentes à área urbana, o das peças pertencentes à área rural. Muitos grupos sociais poderiam ser citados para evidenciar o quanto estamos presos ao princípio de classificação social.

Vale ressaltar que distribuir os indivíduos conforme suas características linguísticas não é algo inapropriado de se fazer, o que não é correto é apresentar julgamentos preconceituosos sobre determinado grupo social, uma vez que cada grupo faz uso da língua que lhe é apropriada para suprir suas necessidades comunicativas.

Camacho (2001, p. 68) afirma que

[...] Todas as línguas e variedade de uma língua são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam; e que nenhuma língua ou variedade dialetal impõe limitações cognitivas na percepção e na produção dos enunciados [...].

Nesse sentido, as variedades presentes em uma língua devem ser vistas como importantes para os indivíduos. Rompe-se a ideia de certo ou errado, padrão ideal a ser seguido por todos os falantes, para fazer valer a ideia de heterogeneidade, de valorização a todas as variantes linguísticas existentes no universo das línguas humanas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de apresentar a forma como se deu a descrição e análise da fala dos jovens e dos idosos, torna-se relevante apresentar algumas informações sobre o universo da pesquisa, no caso, a cidade de São José do Piauí e, posteriormente, sobre os sujeitos selecionados para a concretização deste estudo.

São José do Piauí está localizada no estado do Piauí, a cerca de 30 quilômetros da cidade de Picos, possui, aproximadamente, 7 mil habitantes distribuídos entre a zona urbana e a zona rural. Nesse ponto, é relevante frisar que a presente pesquisa abarca somente sujeitos pertencentes à parte urbana da cidade.

Como principais atividades econômicas desenvolvidas no município pesquisado, pode-se destacar a agricultura, que envolve, principalmente, o cultivo do feijão, do milho, da mandioca e do caju. As demais atividades econômicas exploradas pelos moradores giram em torno da pecuária, da apicultura, da prestação de serviços e do comércio em geral.

No que diz respeito à escolaridade, pode-se afirmar que, em São José do Piauí-PI, boa parte da população possui acesso à escola. Tem-se, nesta cidade, a oferta de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, bem como a EJA e o desenvolvimento de Programas como o Brasil Alfabetizado. A parcela da população que menos se interessa em adentrar à escola são os idosos, pois, para eles, o conhecimento que já adquiriram no decorrer de suas vidas é suficiente para a realização de suas práticas sociais.

Em relação ao ato de ler, pode-se afirmar que grande parte da população não possui o hábito de leitura. A pequena biblioteca da cidade não oferece muitas opções de livros e as pessoas, em sua maior parte, não possuem poder econômico suficiente para a compra de material para a leitura.

No aspecto cultural do município, destacam-se principalmente o fato de que os jovens participam de vários eventos artísticos, tais como grupos de dança, grupos de teatro, produções cinematográficas como “Marcas do Passado” e “Raízes do Sertão”, produzidas pelo diretor Roberto Borges. A produção destes filmes contou com a atuação de vários jovens, atores da própria terra, que procuraram representar o espaço em que vivem.

No que se refere aos sujeitos selecionados para a pesquisa, definiu-se os seguintes grupos: jovens e idosos residentes no município de São José do Piauí-PI. Os jovens são todos escolarizados e os idosos caracterizam-se como o grupo predominantemente não escolarizado, tendo em vista que, quando jovens, não tiveram acesso à escola e, hoje, consideram desnecessária a aprendizagem escolar.

Para melhor organização, os sujeitos selecionados para este estudo podem ser distribuídos conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: distribuição dos sujeitos selecionados para a pesquisa

Sujeitos	Faixa etária	Sexo	Quantidade
Jovens	15-25	Masculino	5
		Feminino	5
Idosos	60-80	Masculino	5
		Feminino	5

Fonte – Quadro de levantamento feito pela a autora (2014)

Convém ressaltar que a distribuição de homens e mulheres tem a finalidade apenas de tornar uniforme a amostra, mas a variável sexo não foi usada como critério de análise, assim como a escolaridade atende apenas à intenção de uniformização do corpus da pesquisa e de informar as características sociais dos sujeitos.

Dando prosseguimento, trata-se agora da forma como se deu a realização do estudo sobre o fenômeno da variação lexical presente na fala de jovens e de idosos, na cidade de São José do Piauí. Tal pesquisa adota como parâmetro de análise de fala a variável social idade, sem desprezar a interferência de outras variáveis, tais como o acesso à cultura letrada.

A fim de proceder à realização deste estudo de natureza descritivo-comparativa, no campo da sociolinguística, definiu-se como ponto de partida a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A partir desses dois tipos de pesquisa, tornou-se possível firmar-se em um suporte teórico e metodológico consistente para que pudesse proceder à análise de falas em situações reais de comunicação.

A análise realizada partiu de uma abordagem qualitativa e quantitativa. De natureza qualitativa em razão de se proceder à etapa de interpretação da fala dos informantes da pesquisa, essa interpretação advém da necessidade de associar os dados coletados às possíveis motivações sociais, históricas e culturais. Já a

abordagem quantitativa foi adotada a fim de quantificar e apresentar a distribuição das ocorrências entre os grupos de falantes selecionados para a pesquisa.

A pesquisa bibliográfica parte da fundamentação em teóricos como Alkmin (2001), Basílio (2007), Calvet (2002), Faraco (2005), Monteiro (2000), Mollica e Braga (2004), Preti (2000), Tarallo (2003), Vilela (1994) dentre outros estudiosos da Linguística que se dedicam à Lexicologia ou à Sociolinguística, além dos autores da área de metodologia científica. A visão dos teóricos citados na pesquisa contribuiu para situar a temática abordada em um contexto condizente com a realidade linguística presente no meio social pesquisado.

O levantamento dos dados, realizado na pesquisa de campo, deu-se por meio da aplicação de questionário, antecedido por uma conversa informal, a fim de proporcionar uma situação confortável para os informantes, uma vez que é importante fazer com que os indivíduos pesquisados apresentem informações da forma mais natural possível. Para dar mais segurança à análise do investigador, toda a pesquisa também foi registrada em áudio e transcrita ortograficamente.

O registro das informações prestadas pelos informantes foi feito em suas próprias residências. Buscou-se, de acordo com a visão de Tarallo (2003), criar um ambiente de comunicação propício à ativação de narrativas pessoais, deixando o informante mais à vontade e envolvido emocionalmente com o conteúdo da conversa, inibindo, assim, o monitoramento. Em seguida, foi aplicado um questionário contendo 19 perguntas que envolvem diferentes campos temáticos, a saber: corpo humano, vestuário/ acessórios e produtos de beleza, convívio e comportamentos sociais.

Por fim, é válido pontuar que, após a coleta de dados, ocorreu a organização, descrição, análise e apresentação final das informações obtidas no decorrer do levantamento dos dados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Diferenças lexicais detectadas entre os jovens e os idosos de São José do Piauí-PI

A fim de analisar de forma comparativa o comportamento lexical assumido por falantes de diferentes faixas etárias, jovens e idosos, serão descritas as realizações de fala desses dois grupos. Os dados estão distribuídos em 19 tabelas, contendo, ao todo, 56 itens referentes aos campos temáticos mencionados no capítulo anterior: corpo humano, vestuário/acessórios e produtos de beleza, convívio e comportamentos sociais. Destaca-se, a seguir, os resultados obtidos em cada item pesquisado.

Para o campo temático corpo humano, apresenta-se as seguintes realizações lexicais entre os dois grupos pesquisados:

Tabela 1 - Frequência das variantes referentes à parte posterior da perna.

Designações para a parte posterior da perna.	Idosos	Jovens
Canela	2	2
Batata da perna	4	0
Polpa da perna	4	0
Panturrilha	0	8

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

De acordo com a primeira tabela, percebe-se que a maior parte dos jovens faz uso de uma lexia considerada erudita ou científica, no caso a palavra “panturrilha”, para designar a parte posterior da perna. Já em relação aos idosos, temos a predominância de expressões mais populares como “batata da perna” e “polpa da perna”. Ao utilizarem tais expressões, os idosos realizam, incoscientemente, um processo metafórico, uma vez que associam a forma da “batata” com a forma do músculo posterior da perna e associam, também, a “polpa”, visto que ambas remetem a algo carnoso.

Quanto à lexia “canela”, pode-se evidenciar que esta palavra é de domínio comum aos dois grupos pesquisados, já que tanto os jovens como os idosos falam, na mesma proporção a palavra “canela”. É relevante pontuar que ao utilizarem a

lexia “canela” em relação à parte posterior da perna, os dois grupos etários podem estar recorrendo ao processo metonímico do todo pela parte.

Outro ponto que pode ser destacado é a possibilidade de a variável socialidade não determinar o uso da palavra “canela”, visto que os dois grupos etários pesquisados conhecem e enunciam tal palavra. É provável que a ocorrência da lexia “canela” esteja determinada em razão do contexto social, das situações formais e informais nas quais os indivíduos se deparam diariamente.

Tabela 2 - Frequência das variantes referentes ao órgão da amamentação.

Designações para o órgão da amamentação.	Idosos	Jovens
Mama	2	0
Peito	8	0
Seios	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela autora (2014)

Quanto aos dados da segunda tabela, pode-se observar que as unidades lexicais “peito” e “mama” são mais frequentes entre o grupo de idosos. Enquanto a palavra “seios” surge como palavra prioritária entre os jovens. Quando se busca entender o uso de tais variantes entre os dois grupos pesquisados, pode-se evidenciar que as palavras “mama” e “peito”, enunciadas pelos idosos, remetem a algo mais maternal, já a palavra “seios”, enunciada pelos jovens, possui um sentido direrecionado para algo mais insinuante, voltado, sobretudo, para um significado de carga mais erótica.

É possível que as pessoas mais velhas estejam mais atreladas a um sentido maternal em razão do fato de já terem vivenciado a maternidade, então é natural que esse momento prevaleça como um fato marcante em seu inconsciente, enquanto que, em relação aos jovens, a eroticidade pode ser explicada partindo do princípio de que essa geração ainda não experimentou a maternidade e o lado erótico está mais presente do que em relação aos idosos.

Essas observações expostas acima são apenas possibilidades lançadas, até mesmo porque não envolve exatamente o campo da sociolinguística e da lexicologia. Dessa forma, é preciso o envolvimento de outros campos de estudo, como a Linguística cognitiva, que pode investigar com mais propriedade tal fato.

A seguir, será apresentado o resultado obtido em quatro variáveis lexicais, a saber: parte inferior do ombro (axilas), contorno da boca (lábios), órgão da

respiração (nariz) e a parte posterior do pescoço (nuca), que parecem seguir a mesma lógica de realização.

Tabela 3 – Frequência das variantes referentes à parte inferior ao ombro.

Designações para a parte inferior ao ombro.	Idosos	Jovens
Suvaco	10	0
Axila	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Tabela 4 – Frequência das variantes referentes aos “lábios”.

Designações para o contorno da boca.	Idosos	Jovens
Beijo	9	0
Lábios	1	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Tabela 5 - Frequência das variantes referentes ao “nariz”.

Designações para o órgão externo da respiração.	Idosos	Jovens
Venta	8	0
Nariz	2	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Tabela 6 - Frequência das variantes referentes à parte posterior do pescoço.

Designações para a parte posterior do pescoço.	Idosos	Jovens
Cangote	8	0
Cachaço	2	0
Nuca	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Por meio dos dados apresentados nessas quatro tabelas, é possível observar que as designações “axila”, “lábios”, “nariz” e “nuca”, ditas predominantemente pelos jovens, são lexicais consideradas mais eruditas. Enquanto as designações “suvaco” (sovaco), “beijo”, “venta”, “cangote” e “cachaço”, proferidas pelos idosos, são formas lexicais menos eruditas, mais conservadoras, presentes, sobretudo, em uma cultura anterior à dos jovens e nos dialetos rurais.

É evidente que a seleção lexical feita por cada grupo está diretamente ligada à cultura que cada indivíduo assume e defende no meio social em que vive. Para os jovens, as palavras “suvaco” (sovaco), “beicho”, “venta”, “cangote” e “cachaço” não condizem com a realidade linguística em que estão inseridos, portanto, não são formas lexicais normalmente presentes no repertório lexical deles.

Pode-se elucidar ainda a possibilidade de essas palavras estarem caindo em desuso. Assim, estamos diante de uma possível mudança em progresso, visto que nenhum jovem está utilizando as referidas palavras enunciadas pelos idosos.

Tabela 7 - Frequência das variantes referentes à parte saliente na frente do pescoço.

Designações para a parte saliente na frente do pescoço.	Idosos	Jovens
Guela (Goela)	8	0
Garganta	0	8
Cantareira	1	0
Gogó	1	2

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Os dados apresentam a palavra “guela” (goela) como exclusividade da fala dos idosos e a lexia “garganta”, considerada uma palavra erudita, como a mais presente entre os jovens. Em relação à lexia “gogó”, encontramos a reduplicação da primeira sílaba de goela (CUNHA, 1997), e considerando a sua ocorrência tanto entre idosos como entre jovens, sugere-se que sua reentrada no léxico tenha se dado via gíria, o que faz com que, mesmo tendo uma fonte em um lexia arcaica, no caso a palavra “goela”, passa ao domínio também dos jovens.

Surge, ainda, a lexia “cantareira”, proferida por um idoso. Esta palavra, provavelmente, é utilizada de modo a fazer referência ao ato de cantar, visto que, em “cantareira”, encontramos a raiz do verbo cantar, possível presença do processo analógico, já que, na garganta, estão as cordas vocais, que são responsáveis pela produção da voz.

Partindo, agora, para o campo temático vestuário/ acessórios e produtos de beleza, apresenta-se os seguintes resultados.

Tabela 8 – Frequência das variantes referentes ao acessório feminino “tiara”.

Designações para acessório para prender o cabelo.	Idosos	Jovens
Diadema	10	0
Tiara	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

É perceptível que os idosos e os jovens não compartilham de um mesmo vocábulo para fazer referência ao acessório pesquisado. A lexia “diadema” é adotada, unicamente, pelos idosos e a lexia “tiara”, considerada um item lexical inovador, faz parte, exclusivamente, da fala do grupo de jovens. Baseando-se nesses dados, é possível afirmar que essa variação lexical entre os dois grupos decorre das modificações que ocorrem na moda, ou seja, com o tempo, o objeto nomeado ganha outras feições, outras funções e, conseqüentemente, outro nome, que passa a ser de domínio das camadas etárias que utilizam ou que convivem com quem utiliza tal objeto.

Assim, um idoso, para quem a moda era usar “diadema”, desconhece a lexia “tiara”, que, além de agregar outras funções de uso, agrega, também, outros traços semânticos, decorrentes da funcionalidade do objeto nomeado. Seguindo essa linha de pensamento, é relevante notar que a palavra “diadema”, presente na fala dos idosos, surgiu para designar um acessório simples, próprio para prender parte do cabelo; já a palavra “tiara”, enunciada pelos jovens, surgiu, posteriormente, como uma forma lexical que designa um acessório, que, além de prender o cabelo, cumpre a função de enfeitar, passa também a funcionar como adereço.

Dando prosseguimento, será exposto o resultado de três variáveis lexicais que seguem a mesma linha de raciocínio, a saber: peça íntima usada pelas mulheres para dar sustentabilidade aos seios (sutiã), acessório que se localiza em torno do pescoço (colar) e a peça íntima feminina (calcinha).

Tabela 9 – Frequência das variantes referentes à peça íntima feminina protetora dos seios.

Designações para a peça íntima feminina protetora dos seios.	Idosos	Jovens
Corpete	5	0
Sutiã	5	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Tabela 10 – Frequência das variantes referentes ao acessório “colar”.

Designações para acessório utilizado no pescoço.	Idosos	Jovens
Colar	6	10
Cordão	4	0

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Tabela 11 – Frequência das variantes referentes à peça feminina “calcinha”.

Designações para a peça feminina “calcinha”	Idosos	Jovens
Biquím (biquíni)	4	0
Tanguia (tanguinha)	1	0
Calcinha	5	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Os resultados apontam para o fato de que as variantes lexicais “sutiã”, “colar” e “calcinha” caracterizam-se como formas lexicais de domínio comum aos dois grupos pesquisados, mas menos presente entre os idosos. Já as palavras “corpete”, “cordão”, consideradas arcaicas, além das lexias “biquím” (biquíni) e “tanguia” (tanguinha) surgem como designações presentes especificamente no discurso das pessoas mais velhas.

Mediante tais observações, percebe-se que as palavras “sutiã”, “colar” e “calcinha” estão ganhando espaço na fala dos idosos. Nessa dimensão, percebe-se também, que as palavras “corpete”, “cordão”, “biquim” (biquíni) e “tanguia”(tanguinha) estão caindo em desuso, já que até mesmo alguns idosos estão falando a palavra “sutiã” no lugar da palavra “corpete”, a palavra “colar no lugar de “cordão” e a palavra “calcinha” no lugar de “tanguia” e “biquím”.

Neste sentido, temos, mais uma vez, um comportamento lexical que sugere uma possibilidade de mudança em progresso no plano semântico. Seguindo esse raciocínio, podemos destacar que a palavra biquíni e tanguinha, enunciadas pelos idosos como peça íntima diária, se especializaram, nos dias atuais, somente como roupa de banho, deixando, assim, de significar peça íntima diária.

Tabela 12 - Frequência das variantes referentes às designações para perfume.

Designações para perfume.	Idosos	Jovens
Loção	8	0
Extrato	1	0
Perfume	1	9
Desodorante	0	1

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Os dados mostram que os idosos ainda estão pondo em uso palavras que não mais fazem parte do domínio comum. Nesta perspectiva, têm-se as palavras “loção” e “extrato” que fazem parte do repertório lexical deles, mas não fazem parte do léxico ativo dos jovens, já que estes utilizam lexias mais inovadoras como “perfume” e “desodorante” para fazer referência ao produto que proporciona um cheiro agradável e é utilizado no corpo.

No caso da palavra loção, pode-se apontar uma tendência de que ela está caindo em desuso, está se arcaizando; já a palavra “extrato” passou por um deslizamento semântico, perdendo o significado de essência odorífica e ganhando, assim, outros significados na atualidade, tais como substância extraída de frutas, resumo do movimento de conta bancária. Note-se que, mesmo nos significados mais atuais, a palavra não perde o traço semântico que aponta para essência ou suprasumo.

Com base nestas informações, pode-se inferir que cada grupo etário se dispõe a por em uso o que mais caracteriza a sua época, o seu modo de ser, a sua identidade enquanto ser social. Em síntese, o léxico ativo de um determinado grupo social guarda e revela as suas práticas sociais.

Tabela 13 – Frequência das variantes referentes ao produto de maquiagem “blush”.

Designações para produto de maquiagem “blush”	Idosos	Jovens
Rouge	6	0
Blush	0	8

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Observa-se que seis entrevistados de faixa etária mais avançada fizeram uso da palavra “rouge” para designar o produto que as mulheres usam para deixar o rosto mais corado, os demais não souberam designar o produto questionado. Em relação aos jovens, oito fizeram uso do termo “blush”, os demais não responderam ao questionamento.

A palavra “blush”, de origem inglesa, foi proferida pelos jovens e remete a algo mais inovador, algo mais atual na língua, visto que a língua inglesa, por meio da cultura americana, atualmente exerce uma grande influência sobre o grupo de jovens. Já a lexia “rouge”, de origem francesa, foi enunciada pelos idosos e remete a algo mais arcaico, vocábulo preso a um passado mais distante, marcado, possivelmente, pela influência da cultura francesa em nosso meio.

Seguindo essa linha de pensamento, é possível reafirmar que as unidades lexicais fazem referência a épocas distintas da língua, uma vez que cada grupo etário faz uso da lexia que mais se adequa ao seu período histórico, às influências culturais predominantes em sua época.

Para finalizar, apresenta-se os resultados obtidos no campo temático convívio e comportamentos sociais.

Tabela 14 – Frequência das variantes referentes à pessoa tímida.

Designações para a pessoa reservada, introvertida.	Idosos	Jovens
Apocada	2	0
Abestaiada (abestalhada)	1	0
Matuta	7	0
Tímida	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Essa tabela mostra que os idosos fazem uso das unidades lexicais “apocada”, abestaiada (abestalhada) e matuta, que fazem parte da variante popular, para se referirem à pessoa considerada reservada. Em contraste, todos jovens fazem uso da lexia tímida, que faz parte da variante erudita.

É relevante pontuar que os jovens conhecem as palavras acima enunciadas pelos idosos, mas não as concebem com o mesmo significado que eles. Para os jovens, a palavra “abestalhada” faz referência a alguém tolo, que se deixa enganar facilmente; e a palavra “matuta” designa a pessoa de origem rural, do mato.

Nessa dimensão, pode-se perceber que os jovens não acionam as palavras “abestalhada” e “matuta” como referentes a uma pessoa tímida. Para essa parcela etária, tais palavras pertencem a outro campo cognitivo diferente do universo que engloba uma pessoa que costuma ser retraída, reservada.

Tabela 15 - Frequência das variantes referentes à mulher separada do marido.

Designações para a mulher separada do marido.	Idosos	Jovens
Sendeira	10	0
Separada	0	9
Divorciada	0	1

Fonte – Questionário de levantamento feito pelo pesquisador

Para todos idosos, a palavra “sendeira”, considerada um item lexical popular, surge como lexia que faz referência à mulher que não está mais ligada a uma relação matrimonial. Já os jovens fazem uso das lexias “separada” e “divorciada”, esta última caracteriza-se como um item lexical mais atual e, portanto, inovador.

Em termos de usos do léxico, pode-se mencionar que cada grupo faz uso das palavras que mais facilmente afloram em seus esquemas cognitivos, ou seja, aqueles itens lexicais que, segundo Duarte (2000, apud Laranjeira 2013), por serem usados no cotidiano, constituem o léxico ativo dos falantes. Dessa forma, os idosos podem até conhecer a palavra “separada”, mas, para eles, a palavra “sendeira” representa melhor a mulher que não está mais unida a seu marido.

Nessa perspectiva, é possível perceber que o léxico está compartimentado, formado por uma parte ativa e outra passiva (DUARTE 2000, apud LARANJEIRA, 2013). Sendo assim, cada grupo etário faz uso das palavras que estão arquivadas em primeiro plano, palavras pertencentes ao seu uso mais frequente, ou seja, ao seu léxico ativo.

Tabela 16 – Frequência das variantes referentes à pessoa que come muito.

Designações para a pessoa que come muito.	Idosos	Jovens
Esgulepada	7	0
Comilão	3	0
Gulosa	0	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Essa tabela mostra que as lexias “esgulepada” e “comilão”, lexias consideradas não eruditas, são enunciadas somente pelos idosos. Enquanto a lexia “gulosa”, considerada mais erudita, é enunciada por todos os dez jovens. Nesse caso, pode-se inferir que a palavra “esgulepada”, empregada pelos idosos, faz referência à sua origem, na raiz da palavra “gula”, que corresponde à pessoa que se alimenta de forma exagerada, além do ideal para sua necessidade básica; a palavra gulosa, empregada pelos jovens, tem a mesma origem na palavra “gula”, porém experimentando processo de construção diferente. Assim, tem-se, palavras diferentes que compartilham a mesma origem e são associadas a uma mesma referência.

No que se refere à palavra “comilão”, enunciada pelos idosos, pode-se apontar que ela surge por derivação, a partir do verbo “comer” com o sufixo “-(l)ão”. Esse processo pode ser uma alusão/analogia ao aumentativo, já que quem é comilão come de forma excessiva.

Tabela 17 - Frequência das variantes referentes à pessoa que comeu em excesso.

Designações para a pessoa que comeu em excesso.	Idosos	Jovens
Esbafarida	5	0
Afadigada	4	0
Cheia	1	10

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Para fazer referência ao estado em que se encontra a pessoa que come em excesso, identificaram-se as lexias “esbafarida” e “afadigada” dita exclusivamente pelos idosos e, a lexia “cheia” dita por todos os jovens e por um único idoso. Ao utilizar as lexias “esbafarida” e “afadigada”, os idosos provavelmente estão tentando associar essas palavras à ideia de mal-estar, sufocamento e incômodo gerado pelo excesso de alimento.

Os jovens, por outro lado, fazem uso da palavra “cheia” para se referir à pessoa que come além da capacidade ideal para sua saciedade. Provavelmente, esse grupo etário nem conhece a lexia “esbafarida”, tendente a cair em desuso, e faz uso da lexia “afadigada” em outro contexto, tal como para se referir ao estado em que se encontra a pessoa que está exausta, aflita em razão do cansaço. Em outras

palavras, pode-se dizer que este item lexical, para os jovens, faz parte de outro campo lexical.

Tabela 18 - Frequência das variantes referentes à pessoa que bebe bebida alcoólica em excesso.

Designações para a pessoa que bebe bebida alcoólica em excesso.	Idosos	Jovens
Cachaceiro	5	0
Pinguço	5	0
Alcoólatra	0	8
Bêbado	0	2

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Nesta tabela, pode-se perceber que, para se referir à pessoa que bebe muita bebida alcoólica, os idosos fizeram uso de palavras mais populares, tais como “cachaceiro”, derivada da lexia “cachaça”, e “pinguço” derivada da lexia “pinga”. Já em relação aos jovens, têm-se oito pronúncias da palavra “alcoólatra”, considerada mais científica; e ainda, duas pronúncias da palavra “bêbado”, derivada a partir do verbo beber.

Embora o item “bêbado” designe não a característica de ser dependente, como o alcoólatra, é usado corriqueiramente para designar a pessoa que bebe com frequência. Por outro lado, não se pode opor bêbado e alcoólatra em termos de erudito/ popular, mas talvez se possa distingui-los pelo fato de um pertencer mais ao universo científico (alcoólatra) e o outro não. No entanto, ambos fazem parte da norma culta.

Tabela 19 – Frequência das variantes referentes ao estado de surpresa.

Designações para o estado de surpresa.	Idosos	Jovens
Espantada	10	0
Impressionada	0	7
Abismada	0	3

Fonte – Questionário de levantamento feito pela a autora (2014)

Para fazer referência ao estado em que costuma ficar a pessoa que se surpreende com algo, encontrou-se a lexia “espantada” caracterizada como forma lexical exclusiva da fala dos idosos e as lexias “impressionada” e “abismada” presente na fala dos jovens. Nesse sentido, destaca-se que os idosos associam o

ato de supressa ao ato de espanto e os jovens associam o ato de supressa ao ato de admiração. Nessa dimensão, torna-se claro que os grupos etários, jovens e idosos, fazem uso de lexias diferentes pelo fato de que este item lexical “supressa” representa universos simbólicos diferentes para cada um dos grupos.

Com tudo o que foi dito, percebe-se que a variação lexical é um aspecto marcante entre a fala dos jovens e a dos idosos. Assim, cada grupo etário, possui particularidades de falas e, conseqüentemente, formas diferentes de representar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, tornou-se possível analisar, de forma comparativa, o fenômeno da variação lexical presente na fala dos jovens e dos idosos da cidade de São José do Piauí, de modo a fazer referência à heterogeneidade da língua e, conseqüentemente, à forma como os indivíduos, jovens e idosos, fazem uso dos itens lexicais nas situações comunicativas.

Com base nos dados de fala, foi identificado que a variação lexical manifesta-se com frequência entre a fala dos jovens e dos idosos pesquisados, tendo a variável idade e o acesso aos meios de cultura como fatores que influenciam, na maioria dos casos, os usos do léxico, e possibilitam a ocorrência da mudança em progresso. Nesse sentido, verificamos exemplos de palavras, enunciadas pelos idosos, tendentes a cair em desuso: beijo, venta, suvaco (sovaco), cachaço, guela (goela), corpete, loção, extrato (referente a perfume), rouge, entre outras.

Seguindo o posicionamento adotado por Faraco (2005), foi possível verificar, ainda, que o léxico arquiva as marcas culturais, registra diferentes aspectos sociais, físicos, históricos e ideológicos predominantes em cada época, em cada espaço onde os indivíduos fazem uso da língua para se comunicarem e estabelecerem contatos sociais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a variação lexical está fortemente ligada ao contexto extralinguístico, à forma como indivíduos concebem o mundo em que vivem.

Em relação à hipótese levantada, confirmou-se o fato dos jovens e dos idosos representarem, por meio da fala, universos simbólicos diferentes. Dessa forma, os dois grupos etários fazem uso de unidades lexicais distintas em razão de terem acesso a diferentes meios de cultura, que é determinado também pela idade. Nesse sentido, temos as lexis consideradas mais eruditas e as inovadoras na fala dos jovens e as unidades lexicais consideradas mais populares, arcaicas e conservadoras na fala dos idosos. Assim, percebe-se, entre os dois grupos etários, o uso de palavras distintas com um mesmo valor semântico: (nariz/venta), (blush/rouge), (perfume/loção), (tímida/apocada), entre outras.

É importante assinalar que a existência da variação lexical entre a fala dos jovens e dos idosos não significa que eles falam línguas totalmente diferentes, mas que a seleção lexical feita por cada grupo revela que seus léxicos ativos se

distinguem. A análise dos dados referentes aos campos temáticos: corpo humano, vestuário/acessórios e produtos de beleza, convívio e comportamentos sociais demonstram esse fato. Não há uniformidade de formas lexicais na fala dos dois grupos pesquisados, mas sim uma marcante diversidade no léxico.

Não tem fundamento o fato de dois grupos etários que vivenciam situações sociais diferentes e estão atrelados a contextos históricos diferentes fazerem uso das mesmas formas lexicais. Como vimos, Monteiro (2000) aponta para o fato de que os jovens e os idosos se comportam de maneira distinta perante a língua. Assim, temos, entre esses dois grupos etários, a realização de associações semânticas diferentes e a introdução de valores sociais distintos em relação às diferentes lexias enunciadas nas situações comunicativas.

Para demonstrar o aspecto valorativo, pode-se destacar que, para os jovens, a lexia “beijo” não corresponde a sua identidade enquanto indivíduo pertencente à categoria jovem. Para os idosos, a lexia “lábios” não corresponde a sua identidade enquanto indivíduo pertencente ao grupo de idosos. Seguindo essa linha de pensamento, é relevante reafirmar que o fato de cada grupo etário fazer uso de lexias diferentes não significa que possamos classificar determinadas palavras como superiores ou inferiores, visto que todas são importantes para suprir as necessidades comunicativas de seus grupos.

Assim, a variação lexical deve ser vista sob uma ótica positiva, sem considerar as relações de prestígio que apontam para a valorização de determinadas unidades lexicais em detrimento de outras. É imprescindível valorizar todas as variantes lexicais e reconhecê-las como passíveis de serem analisadas de forma sistematizada.

Tendo por base os resultados obtidos e as discussões realizadas nesta pesquisa, espera-se que este estudo tenha contribuído no sentido de ampliar o conhecimento referente aos usos linguísticos, sobretudo no que diz respeito ao emprego do léxico pelos jovens e pelos os idosos de São José do Piauí. É determinante fomentar, ainda, a importância do desenvolvimento de mais pesquisas direcionadas para esse campo de estudo, uma vez que esta não dá conta de contemplar todas as possibilidades a serem consideradas na descrição e análise da variação lexical na fala dos jovens e dos idosos.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo. Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico: Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LARANJEIRA, Raquel Patrícia Gaspar. **Desenvolvimento lexical: perspectivas e práticas de professores no 1.º ciclo do ensino básico**. 2013. Dissertação (mestrado em Didática da Língua Portuguesa).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguagem e classes sociais: Introdução crítica à teoria dos códigos linguísticos do Brasil Bernstein**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os níveis de fala**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

São José do Piauí. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/São José do Piauí](http://pt.wikipedia.org/wiki/São_José_do_Piauí). Acesso em: 12 de jun. 2014.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

TORRES, Fábio Fernandes. **O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista**. 2009. Dissertação (mestrado em linguística). Programa de Pós-graduação em linguística. Universidade Federal do Ceará.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almeida, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário aplicado para jovens e idosos de São José do Piauí-PI.
Levantamento de dados sobre a variação lexical.

- Dados do informante:

Idade: _____

Sexo: _____

Profissão: _____

- Campo temático: Corpo humano

01 - Como se chama a parte posterior do pescoço? (apontar)

02 – Como se chama a parte do corpo feminino que possibilita a amamentação?

03- Como se chama a parte inferior ao ombro? (Apontar em direção a axila)

04 – Como se chama a parte referente ao contorno da boca? (apontar em direção aos lábios)

05 – Como se chama a parte do corpo que aspira e inspira o ar? (apontar para o nariz)

06 – Como se chama a parte saliente na frente do pescoço? (apontar)

07 – Como se chama esta parte? (mostrar a perna)

- Campo temático: Vestuário / Acessórios/ Produtos de beleza

01 – Peça utilizada pelas mulheres para dar sustentabilidade aos seios?

02 – Roupa que a mulher usa debaixo da saia, vestido, calça, short?

03 – Como se chama este acessório? (mostrar uma tiara)

04 – Como se chama este acessório utilizado no pescoço? (mostrar colar)

05 – Como se chama o produto que as mulheres usam para deixar o rosto mais corado?

06 – Como se chama o produto utilizado no corpo humano para proporcionar um cheiro agradável?

- Campo semântico: Convívio e comportamentos sociais

01 – Como se chama a pessoa que come muito?

02 – Alguém que comeu em excesso costuma dizer que está...

03 – Como se chama uma pessoa que bebe muita bebida alcoólica?

04 – Quando alguém se surpreende com algo costuma dizer que está...

05 – Como se chama uma pessoa reservada que não gosta de estar em meio a movimentações intensas?

06 - A mulher que deixa ou é deixada pelo marido é chamada de...



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ
ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (x) Monografia
- () Artigo

Eu, ADRIANA DA SILVA SANTOS, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE SÃO JOSÉ DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de Janeiro de 2015

Assinatura